

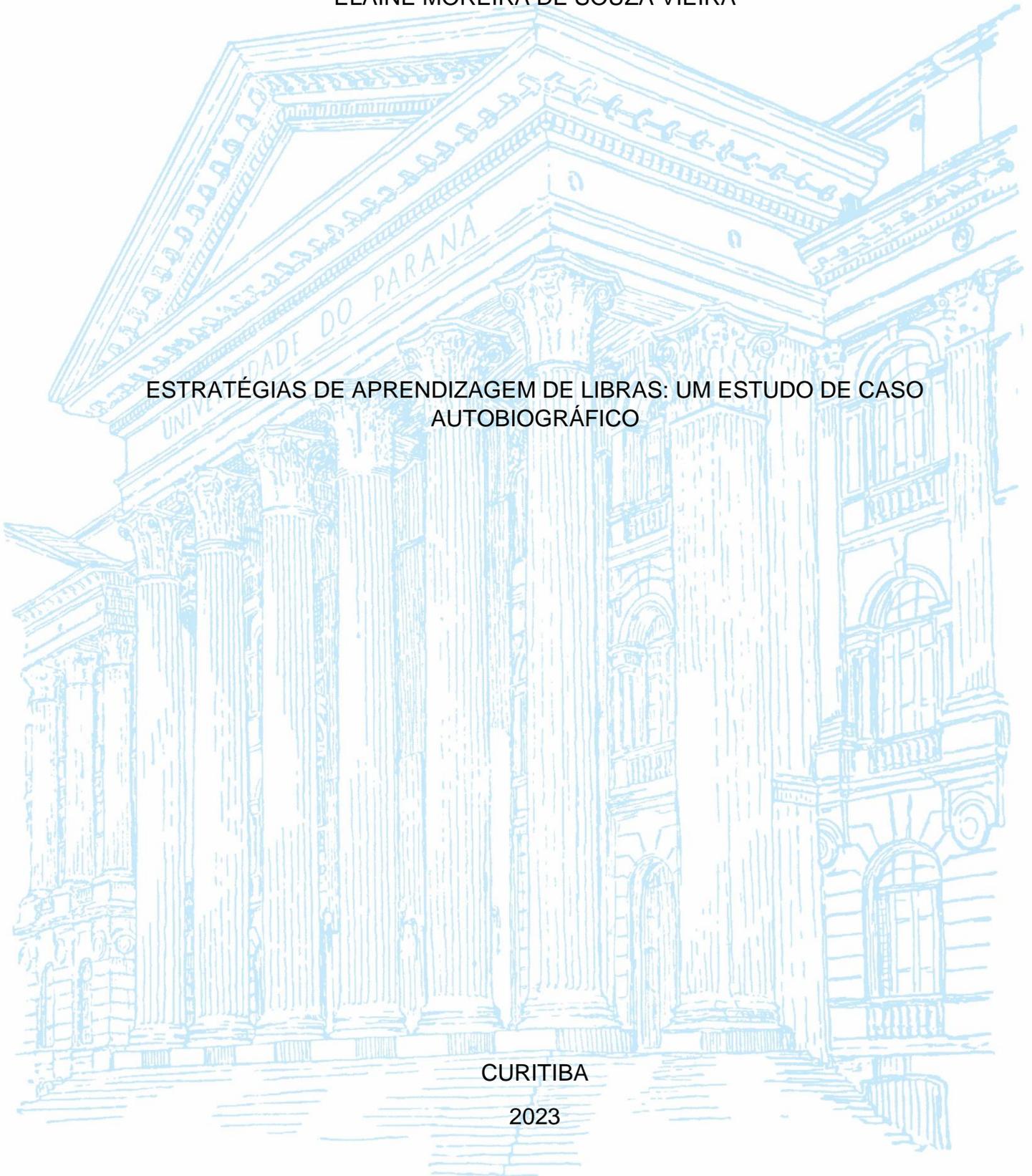
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ELAINE MOREIRA DE SOUZA VIEIRA

ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM DE LIBRAS: UM ESTUDO DE CASO
AUTOBIOGRÁFICO

CURITIBA

2023



ELAINE MOREIRA DE SOUZA VIEIRA

ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM DE LIBRAS: UM ESTUDO DE CASO
AUTOBIOGRÁFICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras Libras, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Libras.

Orientadora: Profa. Dra. Lídia da Silva

CURITIBA

2023

Dedico este trabalho à comunidade surda, que me aceitou; a meu filho, que abdicou de horas comigo para que eu pudesse concluir o curso; e a meu marido, verdadeiro parceiro, que me apoiou em cada decisão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que em seu imenso amor foi onipotente e onipresente em minha vida, por cuidar de mim e da minha família e por colocar pessoas incríveis em meu caminho. Que seu nome seja exaltado em toda a terra e céus!

É difícil agradecer a todas as pessoas que de algum modo, nos momentos serenos ou apreensivos, fizeram ou fazem parte da minha vida; por isso, agradeço a todos de coração.

Agradeço à superorientadora, mais super que eu poderia ter, Lídia da Silva. Obrigada por participar desta etapa tão importante para mim. Obrigada por sempre fazer as críticas construtivas e revigorantes, sempre carinhosa em suas palavras. Por me fazer acreditar que tudo é possível, por me mostrar sempre que tenho mais capacidade do que eu pensava.

Agradeço à minha mãezinha, que por vezes sofreu comigo, por me ajudar a carregar essa cruz, que muitas vezes estava tão pesada. Obrigada por me fazer ser quem eu sou hoje. Te amo!

Agradeço ao meu filho, Miguel Messias, por abdicar de horas comigo, pelos incentivos espontâneos durante minhas ausências, por ser uma criança incrível, amorosa e compreensível.

Agradeço ao meu esposo, Adriano Messias, por sempre se fazer presente, apoiando as ideias mais loucas que surgiram no decorrer desta trajetória. Por ser parceiro, meu companheiro de vida; por me fazer sentir amada, por permanecer ao meu lado mesmo nas horas mais difíceis causadas pelo estresse da vida acadêmica.

Meu agradecimento especial à Comunidade Surda, que me acolheu para que eu pudesse construir este trabalho lindo.

Agradeço também as contribuições da banca avaliadora, composta dos professores Clovis Batista de Souza e Daiane Ferreira, para a versão final deste texto.

A gaivota cresceu e voa com as próprias asas.

Vejo como poderia ouvir.

Os meus olhos são os meus ouvidos.

Tanto escrevo como falo por sinais.

As minhas mãos são bilíngues.

Ofereço-vos a minha diferença.

O meu coração não está surdo a nada

neste mundo duplo.

Custa-me muito deixar-vos.

Emmanuelle Laborit (1994)

RESUMO¹

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar reflexões sobre um caso de aprendizagem de Língua Brasileira de Sinais (Libras), a fim de que seja possível compartilhar estratégias bem-sucedidas com os aprendizes de segunda língua (L2). Para tanto, com base em autores como Paiva (2014) e Leite e McCleary (2000), o trabalho discorre sobre as estratégias de aprendizagem da Libras como L2, com destaque para as principais dificuldades linguísticas e os fatores sociais e afetivos que potencializam o processo. Por meio de metodologia qualitativa, do tipo estudo de caso autobiográfico, são analisados cinco relatos referentes ao período de 2018 a 2022. Os resultados indicam que as principais estratégias adotadas para o desempenho fluente em Libras são: estratégias de memória e compensação, cognitivas, metacognitivas, afetivas e sociais. Conclusivamente, o trabalho aponta para a possibilidade de desenvolvimento em Libras desde que haja a associação de diferentes tipos de estratégias.

Palavras-chave: autobiografia; estratégias de aprendizagem; Libras.

¹ Resumo em Libras. Disponível em: <https://youtu.be/lut5LNeeD1E>. Acesso em: 6 jun. 2023.

ABSTRACT

This work aims to present reflections on a case of Brazilian Sign Language (Libras) learning, so that it is possible to share successful strategies with second language (L2) learners. To this end, based on authors such as Paiva (2014) and Leite and McCleary (2000), this work discusses the strategies for learning Libras as L2, highlighting the main linguistic difficulties, as well as social, cultural, and affective factors that enhance the process. Through a qualitative methodology, using an autobiographical case study, five reports referring to the period from 2018 to 2022 are analyzed. The results indicate that the main strategies adopted for fluent performance in Libras are: memory, cognitive, compensation, metacognitive, affective, and social strategies. Conclusively, this work points to the possibility of development in Libras as long as there is an association of different types of strategies.

Keywords: autobiography; learning strategies; Libras.

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

L1	- Primeira língua
L2	- Segunda língua
Libras	- Língua Brasileira de Sinais
NEL	- Núcleo de Ensino de Libras

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	APRENDIZAGEM DA LIBRAS COMO SEGUNDA LÍNGUA	14
2.1	ESTRATÉGIAS PARA APRENDIZAGEM DE LIBRAS COMO SEGUNDA LÍNGUA	15
2.1.1	Estratégias sociais e afetivas para a aprendizagem de Libras como L2.....	16
3	METODOLOGIA DA PESQUISA	18
3.1	UM ESTUDO DE CASO AUTOBIOGRÁFICO.....	18
3.1.1	A análise dos dados.....	19
4	RESULTADOS	20
4.1	AS PRINCIPAIS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DOS ASPECTOS LINGUÍSTICOS DA LIBRAS	20
4.2	ESTRATÉGIAS PARA SUPERAR AS DIFICULDADES LINGUÍSTICAS E APRENDER LIBRAS	21
4.3	FATORES SOCIAIS E AFETIVOS RELACIONADOS À APRENDIZAGEM DA LIBRAS	25
5	CONCLUSÃO	29
	REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

Sou ouvinte e bacharel em Serviço Social. Em 2015, estava realizando estágio obrigatório e, pela primeira vez na vida, tive contato com uma pessoa surda. Naquele momento, eu me senti incapaz de fazer o atendimento social ao cidadão, visto que não sabia Língua Brasileira de Sinais (Libras) nem havia um profissional tradutor e intérprete para me auxiliar. O resultado foi de completa incompreensão do caso de violência sexual que a pessoa surda relatava e uma evidência de que seus direitos constitucionais de acesso à informação e segurança não estavam sendo garantidos. Com isso, comecei a questionar a defasagem da minha formação profissional, que se manifestava na falta de habilidade para me comunicar com pessoas que vivem no mesmo país que o meu.

O fato de eu não conseguir prestar o atendimento àquela pessoa surda não é uma questão pontual; reflete um desacato a diretrizes legais tal como a do Decreto nº 5.626 (BRASIL, 2005), cujo artigo 26 prevê que, em espaços públicos, o atendimento a surdos(as) deve ser diferenciado conforme sua especificidade de comunicação. Na letra da lei, a previsão está posta:

O Poder Público, as empresas concessionárias de serviços públicos e os órgãos da administração pública federal, estadual e municipal direta e indireta devem garantir às pessoas surdas o tratamento diferenciado, por meio do uso e difusão de Libras e da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, realizada por servidores e empregados capacitados para essa função, bem como o acesso às tecnologias de informação. (BRASIL, 2005)

Infelizmente, a violação dos direitos da pessoa surda não ocorreu apenas na situação que vivenciei; é massiva em território nacional (SILVA, 2018). Por isso mesmo, o debate sobre inclusão social ainda é fortemente presente na comunidade surda brasileira. Ainda há luta pelo fim das barreiras de comunicação e do preconceito, pelo acesso às informações e por políticas de igualdade de oportunidades.

Ao longo do curso de bacharelado em Serviço Social, questões atinentes ao universo das pessoas surdas, como as particularidades de sua comunicação, cultura e identidade, bem como o acesso às políticas públicas, suscitam reflexões e debates. Todavia, a Libras não é um componente curricular oferecido. Portanto, a intenção dos profissionais de serviço social de minimizar a exclusão acaba não se mostrando totalmente possível junto às pessoas surdas, visto que, para a grande maioria dessa população, esse é o idioma prioritário para o estabelecimento de comunicação e de relações interpessoais.

A Libras foi reconhecida pela Lei nº 10.436 (BRASIL, 2002) como língua da comunidade surda brasileira, o que é um marco histórico muito importante. Apesar de o idioma ter sido utilizado desde o período do Brasil Colônia, o direito à instrução nesta que é considerada sua primeira língua é uma conquista recente.

Levando isso em conta, ou seja, o desejo de contribuir para a garantia dos direitos da pessoa surda, de sua efetiva inclusão nas políticas públicas, em agosto de 2015 iniciei um curso de Libras na Primeira Igreja Batista de Curitiba (PIB). As aulas ocorriam aos sábados à tarde e eram ministradas por uma ouvinte filha de pais surdos (Coda)². O curso tinha duração de 60 horas e era dividido entre os módulos I, II e III.

Em março de 2016, iniciei o curso de Libras (nível intermediário) – modalidade extensão universitária no Núcleo de Ensino de Libras (NEL) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Nesse contexto universitário, tive a oportunidade de, em 100 horas, ir além e acessar conteúdos culturais, históricos, legais e educacionais relativos aos surdos, tendo em vista o conceito de língua adotado no NEL — e também neste trabalho. Paiva (2014, p. 155) explica que, de acordo com Freeman,

língua é um sistema complexo, dinâmico e não linear e adaptativo composto por uma interconexão de elementos biológico, conectivo, social, histórico, cultural e político que nos permitem pensar e agir na sociedade, ou seja, a língua é perpassa os conjuntos de estruturas gramaticais.

Em 2017, progredi para o nível avançado e prestei o vestibular para o curso de graduação em Letras Libras. O processo seletivo ocorreu em novembro, e a prova se deu em formato de vídeo sinalizado.

² Originário do inglês, o termo é uma abreviação para *Child of Deaf Adults*. Em português, a expressão é traduzida para Filho de Pais Surdos e representa todas as pessoas ouvintes que têm pai ou mãe surdo, ou até ambos (GALA, 2022).

Em março de 2018, iniciei o curso de Letras Libras e desde então me desenvolvi muito no idioma, mas observo que isso nem sempre acontece com outros colegas ouvintes. Ou seja, apesar de compartilharmos o mesmo espaço acadêmico, temos histórias diferentes com a aprendizagem da Libras. Provavelmente, isso tem relação com as diversas estratégias que adotei para melhorar meu desempenho em minha segunda língua. De acordo com Silva (2018), ser fluente em uma língua significa conseguir transmitir informações usando a própria língua sem precisar do auxílio de outro idioma, com desempenho satisfatório. Então, pelo fato de obter efetividade na comunicação em contexto variado, eu me considero uma pessoa fluente em Libras.

Assim, com este estudo autobiográfico, meu intuito é contribuir para que outros ouvintes possam se desenvolver nesse idioma tipologicamente tão distante do português, nossa língua materna.

O objetivo geral desta pesquisa é refletir sobre um caso de aprendizagem de Libras, de modo que seja possível compartilhar estratégias bem-sucedidas com os aprendizes de segunda língua (L2). Por sua vez, os objetivos específicos são: (I) discutir as estratégias utilizadas, no decorrer do curso de graduação em Letras Libras, para a aprendizagem da Libras e da cultura surda; (II) elencar quais foram as principais dificuldades de aprendizagem dos aspectos linguísticos da Libras e o que foi feito para superá-las; (III) destacar os fatores sociais e afetivos que potencializaram a aprendizagem da Libras.

A pergunta de investigação a ser respondida na conclusão é: quais são as principais estratégias que podem ser desenvolvidas por aprendizes ouvintes para superar as dificuldades linguísticas e favorecer a aprendizagem da Libras e da cultura surda?

Posto isso, apresento como o texto está organizado. Inicialmente, há uma breve fundamentação teórica. Em seguida, a metodologia da pesquisa é explicada para que, depois, os dados sejam apresentados e discutidos. Por fim, a conclusão traz as considerações finais a respeito do trabalho.

2 APRENDIZAGEM DA LIBRAS COMO SEGUNDA LÍNGUA

A Libras é uma língua natural para a pessoa surda e, diferentemente do português, é de modalidade visual-espacial. Provida de estrutura gramatical completa, como fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e léxico, ela atende às necessidades de comunicação e expressão social de seus falantes. A Libras assenta-se à definição de Santos (2018), com base em Schmidt (2014, p. 86):

[...] a língua é própria do ser humano, e para que ela ocorra é necessário a interação, a vivência social dos homens com outras pessoas. Assim, sabe-se que para alcançar o sujeito é preciso a utilização da linguagem, pois “o ser humano não existe fora da linguagem”. (SANTOS, 2018, p. 212)

Todavia, o aprendizado dessa língua por pessoas ouvintes, falantes de uma língua oral auditiva, como o português, normalmente é perpassado por inúmeras dificuldades. Leite e McCleary (2000) apontam os desafios de aprendizagem que um dos autores enfrentou durante a realização de um curso de Libras.

Datilologia: Leite e McCleary (2000) explicam que esse conteúdo é um dos primeiros ensinados em curso básico de Libras e, pela forma como é apresentado aos aprendizes, parece ser o único recurso de comunicação a ser utilizado em caso de ausência de algum sinal. Os autores apontam a necessidade de mais treino e afirmam que é importante indicar aos aprendizes que a datilologia é um empréstimo linguístico do português. Além disso, esclarecem que os ouvintes têm dificuldades motoras para a realização acurada da datilologia.

Vocabulários: Leite e McCleary (2000) afirmam que os vocabulários foram ensinados a um dos autores de forma solta, fora de frases, o que, de certa forma, favorece o uso na mesma estrutura sintática da língua portuguesa. Esse tipo de ensino também prejudica a compreensão da língua. Eu mesma pensava que para cada palavra no português existia um sinal equivalente em Libras. Essa ideia de que havia relação direta entre palavra e sinal só foi alterada após a percepção de que um mesmo sinal pode ser usado com significados diferentes dependendo do contexto.

Expressões não manuais: os referidos autores relatam a dificuldade para realizar corretamente os parâmetros fonológicos da Libras, entre os quais as expressões. No meu caso, eu não tinha dificuldades de realizar as expressões não manuais que acompanham os sinais de NÃO, SIM e BRAVO, por exemplo, pois elas

são habituais também na comunidade ouvinte. Porém, expressões não manuais mais elaboradas — como de LADRÃO — precisavam ser reforçadas.

Classificadores: de acordo com Leite e McCleary (2000), classificadores são um conceito gramatical de difícil compreensão no aprendizado de Libras. Apesar de ter visto esse assunto várias vezes ao longo de meus cursos, eu não sabia produzi-los. Apenas no curso de graduação de Letras Libras esse recurso me foi apresentado formalmente; contudo, ainda assim, não constavam em minhas sinalizações à época.

Sintaxe espacial: Leite e McCleary (2000, p. 3) afirmam que:

A ausência de conhecimento da sintaxe, contudo, conduziu T a hábitos prejudiciais no aprendizado da língua: ele se viu obrigado a empregar os sinais na estrutura sintática linear do português, que muito difere da estrutura multidimensional da LSB.

Assim como T (um dos autores), eu também realizava o português sinalizado.

Essas e outras dificuldades de aprendizagem da Libras como L2 podem ser superadas, caso o aprendiz lance mão de diferentes estratégias, que serão apresentadas a seguir.

2.1 ESTRATÉGIAS PARA APRENDIZAGEM DE LIBRAS COMO SEGUNDA LÍNGUA

As estratégias de aprendizagem formam um campo do conhecimento que nasceu na psicologia cognitiva e tem ganhado cada vez mais atenção dos linguistas aplicados (VILAÇA, 2005). De acordo com Brown (1994, p. 104 *apud* VILAÇA, 2005, p. 4, grifos nossos),

As estratégias são *métodos específicos* de se abordar um problema ou uma tarefa, *modos de operação para a obtenção de um fim* particular, designs planejados para o controle e manipulação de certa informação.

No caso de um aprendiz de segunda língua (L2), uma estratégia seria então os “modos de operação para a obtenção de um fim”: estabelecer uma comunicação efetiva com os falantes da língua-alvo. Em casos de níveis mais adiantados, o aprendiz pode utilizar “métodos específicos” para tratar do “problema” de estagnação na língua, o platô. Vilaça (2005) corrobora essa ideia e aponta que as estratégias, muitas vezes usadas inconscientemente, podem servir a objetivos diferentes.

Esses modos e métodos que podem ser colocados em prática podem ter um cunho mais cognitivo ou afetivo e não somente têm importância no processamento de informações, mas também desempenham papel instrumental e mediador. É o caso, por exemplo, de a ativação do conhecimento prévio do aluno servir como mediador com o conhecimento que será adquirido e atuar como auxílio à sua cognição.

Couto (2021) assinala alguns diferentes tipos de estratégias:

- a) estratégias de memória – empregadas para a memorização e a recuperação de informações;
- b) estratégias cognitivas – passos ou operações específicas para a aprendizagem; operam diretamente com as atividades de aprendizagem e envolvem a manipulação dos materiais de aprendizagem;
- c) estratégias de compensação – lidam com situações em que o conhecimento linguístico do aluno na segunda língua/língua estrangeira não é suficiente, como forma de suprir necessidades práticas;
- d) estratégias metacognitivas – auxiliam o aluno a planejar, administrar e avaliar sua aprendizagem; implicam o planejamento, o monitoramento e a avaliação no sucesso de uma atividade de aprendizagem;
- e) estratégias afetivas – relacionadas a requisitos emocionais;
- f) estratégias sociais – empregadas para a interação social.

Essas divisões não são rígidas e engessadas. Elas são maleáveis, adaptáveis e inter-relacionadas, e o uso desses diversos fatores de naturezas variadas se justifica por buscarem influenciar a aprendizagem positivamente, facilitando-a e/ou acelerando-a; serem empregados de acordo com o contexto e a situação pedagógica, para a realização de uma tarefa ou para o uso de uma língua; e lidarem com dimensões metacognitivas, afetivas e sociais da aprendizagem, e não apenas com a cognitiva (VILAÇA, 2005).

Por fim, Vilaça (2005, p. 13) constata:

As estratégias de aprendizagem não devem ser associadas exclusivamente a este ou aquele método de ensino, da mesma forma como não devem ser consideradas restritas a teorias de aprendizagem específicas.

2.1.1 Estratégias sociais e afetivas para a aprendizagem de Libras como L2

Couto (2021, p. 7) confere destaque às estratégias afetivas e afirma que elas:

[...] consistem em ajudar os alunos a controlarem suas emoções, motivação e atitudes. Bons aprendizes de línguas são aqueles que sabem controlar suas emoções e atitudes durante o processo de aprendizagem. Os professores apresentam um importante papel no ambiente emocional da sala de aula, uma vez que podem transformar o âmbito social da sala; atribuir mais responsabilidade aos alunos; seja por agenciar em ocasiões de práticas sociais, e, sobretudo, por ensinar a eles o uso de estratégias afetivas.

Pela citação, é possível perceber que se o aprendiz não controlar suas emoções em relação à língua e à comunidade-alvo, pode ter prejuízos em seu aprendizado.

Vilaça (2005) segue a mesma linha e diz que a interação social afeta a aprendizagem, e vice-versa; e Santos (2018) expõe a relevância do contato do aprendiz com a cultura-alvo, visto que língua e cultura estão entrelaçadas. Para a autora, “Não se pode apenas ensinar cultura, como também não se pode ensinar apenas a língua” (SANTOS, 2018, p. 208). Ainda, “A cultura é tudo aquilo que é gerado pela humanidade, seja de forma concreta ou abstrata, ou seja, desde crenças, objetos, ideias ou comportamentos desenvolvidos” (SANTOS, 2018, p. 205). Em adição, a autora acredita que o aprendiz precisa ter conhecimentos gerais das culturas que falam a língua, mas isso não o faz abandonar sua; pelo contrário, leva-o a uma comparação que lhe permite perceber as semelhanças e as diferenças.

A aprendizagem da cultura surda pelo aprendiz ouvinte é também imprescindível, pois por meio dela é possível compreender a organização da linguagem. Afinal, como Santos (2018) comenta, é impossível aprender uma língua sem ter contato com a cultura. Sendo assim, pode-se afirmar que o ouvinte pode ter um melhor aproveitamento de seu aprendizado se estiver inserido na cultura surda.

As estratégias sociais e afetivas ganham destaque, pois, para Santos (2018), apesar de as diversas as estratégias de aprendizagem da L2 serem importantes, a interação social é o fator principal. De acordo com a autora, estar em contato com a língua e aprender sobre a cultura gera autonomia e favorece o aprendizado. Concordamos com essa posição e pensamos que os vínculos afetivos e a interação social são formas eficazes de aprendizado da Libras como L2.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta é uma pesquisa qualitativa, pois busca interpretar as estratégias de aprendizagem de Libras em termos de seu significado, e não por métodos estatísticos. Além disso, a “abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social” (RICHARDSON, 1999, p. 42).

Quanto aos procedimentos, trata-se de um estudo de caso. Esta pesquisa pode ser caracterizada como uma investigação de uma entidade bem definida, a fim de conhecer com profundidade o como e o porquê, buscando descobrir o que há de mais característico. A entidade analisada é minha biografia de aprendiz de Libras, portanto a técnica adotada é a autobiografia.

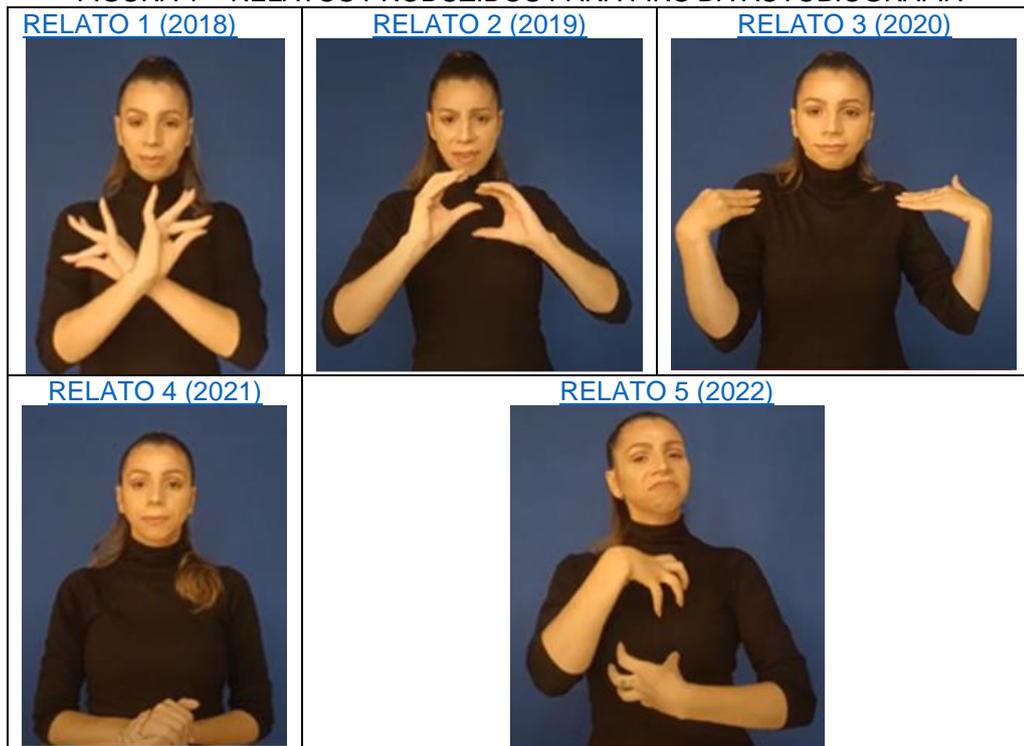
3.1 UM ESTUDO DE CASO AUTOBIOGRÁFICO

Segundo Sabino e Cabello (2022, p. 328), a autobiografia “é uma forma de narrar e também de compreender as experiências narradas”. Logo, o indivíduo se manifesta com uma história significativa e expõe aos outros autorreferenciando-se. Esse método consiste não somente em contação de histórias, mas também em reflexões a respeito de momentos do passado que influenciaram o futuro.

Para Ferreira (2014), a autobiografia tem por objetivo influenciar de forma positiva o leitor; no caso em tela, o foco é ajudar outros aprendizes ouvintes a desenvolverem estratégias de aprendizagem da Libras como L2.

Para tanto, produzi cinco relatos em Libras com base em minha memória e na observação das atividades desenvolvidas ao longo do curso de Letras Libras, no período de 2018 a 2022. Esses dados foram disponibilizados em meu canal do YouTube, e os *links* estão disponíveis na FIGURA 1.

FIGURA 1 – RELATOS PRODUZIDOS PARA FINS DA AUTOBIOGRAFIA



FONTE: A autora (2023).

3.1.1 A análise dos dados

Os dados gerados foram analisados em três categorias:

- a) principais dificuldades de aprendizagem dos aspectos linguísticos da Libras;
- b) estratégias para superar as dificuldades linguísticas e aprender Libras;
- c) fatores sociais e afetivos que potencializaram a aprendizagem da Libras.

Como procedimento para análise, tomei distância do momento do relato e o confrontei com a literatura, de modo que, ao me ouvir e ver, eu pudesse teorizar minha própria experiência. Para fins de organização, traduzi alguns trechos dos relatos para a língua portuguesa.

4 RESULTADOS

4.1 AS PRINCIPAIS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DOS ASPECTOS LINGUÍSTICOS DA LIBRAS

Em 2018, eu estava no início do processo, portanto as habilidades de compreensão estavam muito comprometidas. Eu não entendia muita coisa, como mostra o caso a seguir.

Uma pessoa surda veio conversar e me perguntou se poderia me dar um aperto de mão forte, e eu respondi que sim. A pessoa me perguntou novamente se poderia dar um aperto de mão forte, e eu não entendi nada e respondi novamente que sim. Então a pessoa apertou muito forte a mão... Eu entendi errado. Eu achei que ele tinha perguntado do meu marido. (RELATO 1 – 2018, 1:27)

A falha da comunicação destacada no excerto se deu pelo fato de eu estar presa ao sinal de CASAR/CASAMENTO. Eu não conseguia compreender que esse mesmo sinal, contextualmente colocado, pode ter o significado de APERTO DE MÃO. Em outra ocasião, como o excerto abaixo demonstra, eu usei o riso como forma de escape de uma situação de incompreensão. Todavia, a estratégia escolhida não foi a melhor, haja vista que o conteúdo da conversa era bastante triste.

Outra situação uma pessoa surda veio até mim para conversar e começou a falar sobre um acidente da sogra, que a sogra tinha sofrido um acidente de carro, eu não entendi nada eu comecei a rir, então essa pessoa Surda ficou muito brava, começou a me perguntar por que eu estava rindo. Eu não estava entendendo nada do que estava acontecendo naquele momento. (RELATO 1 – 2018, 2:20)

A falta de compreensão, em ambos os casos, foi bastante constrangedora não só para mim, mas também para os interlocutores surdos, e isso resultou em dificuldade de estabelecer vínculos interpessoais, que era um dos meus anseios.

No ano seguinte, eu ainda não tinha aprimorado muito a compreensão e, por medo de novamente entender errado, fugi de um professor surdo. O fragmento é apresentado a seguir.

Eu estava na fila da lanchonete e na minha frente havia um professor surdo, então ele olhou para trás e começou a conversar comigo, eu fiquei apavorada e sai correndo. O professor achou estranha aquela situação. (RELATO 2 – 2019, 0:55)

Paiva (2014) explica essas cenas. Segundo a autora, o choque cultural resulta na ansiedade e leva o aprendiz a considerar que as simples atividades diárias são complexas e demandam muita energia, o que pode gerar bastante estresse e ansiedade. Mas não era apenas dificuldade de compreensão que eu experimentava nessa época. Eu também não conseguia expressar meus pensamentos, devido às dificuldades já destacadas na seção 2.

A datilologia, a produção acurada de vocabulários, o uso de classificadores, boias e outros elementos gramaticais passaram a compor meu repertório só em 2022 e me ajudaram muito a ter uma melhor comunicação.

Dessas dificuldades de compreensão e de produção, resultou minha não inserção na comunidade surda, o que, por consequência, diminuía minha exposição a mais *input* em Libras.

4.2 ESTRATÉGIAS PARA SUPERAR AS DIFICULDADES LINGUÍSTICAS E APRENDER LIBRAS

Em 2018, busquei criar estratégias para superar as lacunas que eu estava percebendo que tinha e que se manifestavam a cada contato com os nativos da língua.

A estratégia foi assistir vídeos com os próprios nativos sem a utilização de legenda e também tentava priorizar atividades com Surdos vistos que o objetivo era o contato com eles, mas eu não conseguia me inserir no grupo dos surdos, pois eles percebiam que eu não era sinalizante. (RELATO 1 – 2018, 3:35).

Além disso, em 2019 comecei a frequentar ambientes mais informais do que a universidade, de modo que eu pudesse observar atentamente a sinalização das pessoas. Ocorre que, como exposto no RELATO 2 e apontado por Leite e McCleary (2000), por vezes essa observação não surtia o efeito buscado, pois os vocabulários eram extensos, e eu não conseguia aproveitá-los como deveria pois não os registrava e não treinava; ou seja, não conseguia memorizar eficientemente (LEITE; MCCLEARY, 2000, p. 3-4). Eu também sentia o desejo de contribuir de alguma forma para a comunidade surda, por isso fui ser voluntária na Associação de Surdos de Curitiba; pelo exposto no RELATO 2, percebe-se que isso me deu um pouco de segurança. “Eu frequentava lugares que os Surdos iam como, por exemplo, as lanchonetes e os restaurantes, mas eu só observava conversar ainda não acontecia” (RELATO 2 – 2019, 0:35).

Essa estratégia de observação é importante, pois a exposição ao *input* mostra-se necessária a todos os aprendizes de L2; é uma forma eficiente de aprender, contudo o *output* não pode ser negligenciado, já que é ele que possibilita a “interação na qual há negociação de sentido”, por isso “é necessário prestar atenção na relação *input-output*” (PAIVA, 2014, p. 54). Por isso, nessa época eu chegava mais cedo nas aulas. Antes do horário, eu já estava na universidade na esperança de que pudesse aprender com os colegas, haja vista que

os alunos constroem a experiências de aprendizagem de línguas e [...], os trabalhos colaborativos fornecem oportunidade para ajudar semelhante à fornecida nas relações entre especialista e aprendizes. (PAIVA, 2014, p. 142).

Foi quando comecei a perceber que aprender Libras significava mais do saber vocabulário. Passei a descobrir informações novas, tais como os fatos de que os surdos emitem sons, gostam de música e frequentam baladas. Em outras palavras, a universidade estava também me proporcionando a imersão na cultura surda.

Em 2020, a Libras já fazia parte da minha vida profissional, contudo eu sentia que ainda havia dificuldades que precisavam ser superadas. O RELATO 3 mostra que, como estávamos vivenciando o período mais crítico de pandemia de covid-19, meu contato com surdos acabou sendo prejudicado. Todavia, menciono que o isolamento social não interrompeu meus estudos.

Nesse período, optava por conversas via chamada de vídeo com o grupo dos nativos, também usei a estratégia de criar um grupo de WhatsApp, onde somente os surdos participavam. Havia um grupo geral composto por surdos e ouvintes, então comecei a pegar informações desse grupo geral, fazer tradução em Libras e gravar vídeos sinalizados e postar no grupo dos surdos. (RELATO 3 – 2020, 0:37)

Exatamente por circunstâncias da pandemia, em 2020 tranquei o curso de Letras Libras, mas busquei formas alternativas de superar possíveis defasagens. Uma das estratégias foi manter contato com pessoas ouvintes que são fluentes em Libras. O excerto a seguir demonstra a estratégia.

Aumentou meu contato com ouvintes fluentes, e diminuí o contato com surdos. Contudo, o contato com ouvintes fluentes proporcionou uma experiência valiosa porque os profissionais da área deram muitas dicas de leituras de referências, conteúdos e teoria da comunidade surda, dicas de postura e de como treinar os processos anafóricos. (RELATO 3 – 2020, 1:25)

Também passei a utilizar um caderno para registrar frases em português para que eu pudesse acessá-las no período de estudos em casa e buscar maneiras de melhor produzi-las em Libras. Conforme o RELATO 3, essa foi uma estratégia muito promissora para o desenvolvimento de habilidades essenciais para transmitir informações coesas. A FIGURA 2 mostra o caderno citado.

FIGURA 2 – CADERNO DE ANOTAÇÕES



FONTE: A autora (2020).

Em meus momentos de estudo, não buscava apenas sinais; também me dedicava a aprimorar técnicas de tradução³ e interpretação⁴ da Libras.

Em 2021, comecei a traduzir informações sobre a pandemia de covid-19 e compartilhá-las com os surdos da cidade de Fazenda Rio Grande (PR). No mesmo período, veio a oportunidade de atuar em contexto religioso interpretando cultos e peças de teatro da igreja que eu frequentava.

O excerto a seguir foi traduzido do RELATO 4 – 2021.

Não tinha contato com surdos dentro da universidade, porém comecei a traduzir informações sobre a covid-19 e compartilhar com surdos aqui do município de Fazenda Rio Grande, de forma voluntária. (RELATO 4 – 2021, 0:08)

Em ambos os ambientes, eu me sentia muito útil, pois estava fazendo algo sem expectativas financeiras. Estava fazendo algo de que gosto, em prol do outro e

³ “Uma tradução sempre envolve uma língua escrita. Assim, poder-se-á ter uma tradução de uma língua de sinais para a língua escrita de uma língua falada, da língua escrita de sinais para a língua falada, da escrita da língua falada para a língua de sinais, da língua de sinais para a escrita da língua falada, da escrita da língua de sinais para a escrita da língua falada e da escrita da língua falada para a escrita da língua de sinais” (QUADROS, 2004, p. 9).

⁴ “A interpretação sempre envolve as línguas faladas/ sinalizadas, ou seja, nas modalidades orais-auditivas e visuais-espaciais. Assim, poder-se-á ter a interpretação da língua de sinais para a língua falada e vice-versa, da língua falada para a língua de sinais” (QUADROS, 2004, p. 9).

isso, além de favorecer o aperfeiçoamento de aptidões linguísticas, me gerava satisfação pessoal. Por se tratar de ambientes sem cobrança e confortáveis, essa estratégia de interpretação era desempenhada de forma muito confortável por mim. Com base em VanPatten e Williams (2015), Quevedo-Camargo e Silva (2019, p. 309) comentam:

Aprendizes que estão confortáveis e têm uma atitude positiva em relação ao aprendizado de idiomas têm seus filtros baixos, permitindo acesso irrestrito a informações compreensíveis. Já em ambiente estressante, como aquele em que os aprendizes são forçados a produzir antes de se sentirem preparados, eleva-se o filtro afetivo, bloqueando o processamento de entrada de insumo.

Pelo RELATO 4, é possível notar que em 2021 eu adotava estratégias bem mais elaboradas por já estar em estágio mais avançado do idioma. Eu era capaz de estudar Libras sozinha e fazia isso produzindo em frente ao espelho; quando notava que estava oralizando muito, colocava uma fita na boca. Essa atitude mais radical me ajudou a ter uma sinalização um pouco mais livre da influência do português.

Eu comecei a treinar em frente ao espelho e usava fita na boca para evitar o bimodalismo, também analisava vídeos de surdos e ouvintes, analisava, quadro a quadro, estudava expressão facial, comportamento, processo anafórico. (RELATO 4 – 2021, 0:30)

Em 2022, retornei para a universidade, mas com uma perspectiva diferente sobre a Libras e as pessoas surdas, devido à bagagem proveniente dos espaços que frequentei e das experiências que tive. “Antes o foco era somente acadêmico, agora o foco era a participação de diversas áreas; pude perceber que todas as áreas são importantes para ter contato com o surdo” (RELATO 5 – 2022, 0:12). Sem dúvida, a universidade desempenhou um papel importante na formação linguística em Libras, pois, além da formação curricular, propriamente dita, impulsionou as relações acadêmicas, mais formais e técnicas. O sociólogo Max Weber (1991) já comentava que as instituições sociais, como a universidade, têm a função de estabelecer a interação entre o sujeito e a sociedade, indo além de formações técnicas curriculares e permeando uma formação coesa e coletiva, de modo que o acadêmico possa ter contato com o pluralismo e a diversidade, impulsionando-o a buscar mais sobre a cultura e a língua-alvo.

Em 2022, eu fazia exatamente o que Paiva (2014, p. 55) aponta: via “os falantes da língua-alvo como um grupo de referência”. O excerto a seguir ilustra essa afirmação.

Comecei a analisar: o surdo sinaliza assim, o ouvinte sinaliza assim, qual é a diferença? Então eu comecei a copiar o surdo, tomá-lo como referência, pois percebi que o jeito dele era natural e comecei a fazer igual. (RELATO 5 – 2022, 0:33)

4.3 FATORES SOCIAIS E AFETIVOS RELACIONADOS À APRENDIZAGEM DA LIBRAS

Medo, nervoso, vergonha, ansiedade, constrangimento, trauma, tristeza e insegurança foram sentimentos muito ruins experimentados por mim em 2018. Eles atrapalhavam meu desempenho em Libras. No RELATO 1, há o seguinte fragmento: “eu fiquei nervosa, com vergonha porque eu não gostava de sinalizar na frente da comunidade surda; eu tinha medo de errar, errar o contexto, errar a frase” (RELATO 1 – 2018, 0:52).

Nessa época, eu não gostava de sinalizar na frente das pessoas, exatamente porque isso me gerava sentimentos ruins, o que pode ser chamado de “choque linguístico” de acordo com as ideias de Schumann, apresentadas por Quevedo-Camargo e Silva (2019, p. 312):

Choque linguístico: segundo Schumann, este fator é mais comum em adultos e está relacionado ao medo destes de errarem e de não conseguirem usar as palavras adequadamente, reduzindo, portanto, a oportunidade de desenvolverem a aquisição.

Em 2019, apesar de frequentar os mesmos lugares que os surdos, ainda experimentava os sentimentos ruins que interferiam negativamente na aprendizagem da língua. Eu não conseguia estabelecer relações sociais com os nativos, e isso gerava angústia. Eu queria progredir na língua, ter um melhor desempenho na sinalização em L2; porém, de acordo com minha autoavaliação, isso não estava acontecendo: “nesse período comecei a me avaliar porque eu estava me sentindo triste com meu processo de aquisição da L2” (RELATO 2 – 2019, 1:20). A fim de confirmar minha autoavaliação, decidi me expor à avaliação de outros e, como tinha interesse profissional na Libras, me submeti à banca de avaliação da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis). Assim como Paiva (2014, p. 5) comenta, eu reagi ao *feedback* que recebi: tornei-me autônoma nos estudos.

Em 2020, os estudos autônomos também se intensificaram, visto que tinha o desafio do trabalho. A autonomia é considerada importante por Paiva (2014, p. 164):

Autonomia como um sistema sociocognitivos aninhado no sistema ASL... a autonomia envolve, além dos estados e processos mentais do indivíduo, as dimensões política, social e econômica, sendo um processo não linear, sofre período de variabilidade, instabilidade e adaptabilidade.

Desse modo, o RELATO 3 é um exemplo importante de como o aprendiz de L2 pode se tornar protagonista na construção de seu processo e de como os desafios da tradução e da interpretação me geraram novas energias e impulsionaram o processo de melhoria em minha L2. Essa atividade me proporcionou novas experiências identitárias, transformou meu eu e foi me tornando cada vez mais capaz “de fazer coisas com a língua e de participar de novas comunidades” (PAIVA, 2014, p. 160).

Pelo RELATO 4, é possível perceber que, apesar de já ter certificação do nível máximo de proficiência, eu ainda permanecia com vontade de ser aceita na comunidade surda: “eu queria estar inserida naquele grupo” (RELATO 4 –2021, 1:20). A esse respeito, Bauman (2005) afirma que o pertencimento a um grupo proporciona uma conexão com as pessoas e que a construção de uma identidade coletiva e individual influencia positivamente todas as áreas do ser humano. Ao destacar esse fragmento do relato de 2021, lembro-me do poema “Pertencer”, de Clarice Lispector.

Pertencer não vem apenas de ser fraca e precisar unir-se a algo ou a alguém mais forte. Muitas vezes a vontade intensa de pertencer vem em mim de minha própria força - eu quero pertencer para que minha força não seja inútil e fortifique um grupo ou uma pessoa... (LISPECTOR, 1968 *apud* HORSCHUTZ, 2010, p. 3).

A busca pelo sentimento de pertencimento pela comunidade Surda era constante e, de acordo com Schumann (1978, p. 28), esse é um fator afetivo e social muito importante para o aprendizado da língua-alvo:

Pode-se entender a importância da interação e como este vínculo é meio facilitador para aprendizagem de línguas, sendo que, por meio desta troca podemos compartilhar de experiências e culturas. (SANTOS, 2018, p. 212).

Os relatos 1 a 5 mostram notoriamente que a tentativa de inserção no grupo de surdos ocorre desde 2018. Eu sempre quis experimentar o sentimento de pertencimento, que tem a ver com a construção da identidade social e das relações

interpessoais. Em outras palavras, as interações recíprocas vão ressignificando o sujeito até que ele sinta que pertence àquela dada territorialidade (KOGA, 2011). Eu tinha essa necessidade de aceitação e aprovação dos nativos da Libras; queria ser como eles, queria me tornar membro da comunidade surda. No começo isso foi mais difícil, pois havia conflito de interesses entre nós: eu queria estar no grupo de surdos para aprender Libras, mas os colegas queriam sinalizantes ouvintes fluentes para os ajudarem na realização dos trabalhos acadêmicos. Apesar dessa resistência inicial, persisti, pois lembrava que Pierre Bourdieu (1983) explica que as relações de poder não fogem ao chão das universidades e que o poder é estabelecido em uma esfera social e coletiva. Essa minha insistência se explica, teoricamente, pela motivação.

Motivação é um desejo de se tornar membro de outros grupos etno-linguísticos, e a orientação instrumental como um desejo de ganhar reconhecimento social ou vantagens, [...] a motivação integrativa é a mais poderosa, pois um aprendiz com essa motivação quer aprender a segunda língua para encontrar e conversar com falantes da língua-alvo, saber mais sobre eles e, talvez, se assemelhar aos falantes desse grupo, cujos valores valoriza e admira. (SCHUMANN, 1978, p. 32 *apud* PAIVA, 2014, p. 59)

Considero que sempre tive a motivação integrativa, uma vez que queria aprender a L2 para encontrar e conversar com falantes da língua-alvo, saber mais sobre eles e, talvez, assemelhar-me de certa forma aos surdos, pois eu os admiro e respeito.

Atualmente (2023), na etapa final do curso de Letras Libras, considero que adquiri a Libras por causa da aculturação.

A aquisição é fruto da aculturação sendo dois tipos. No primeiro, as condições ideais para aquisição são aquelas em que o aprendiz está socialmente integrado ao grupo da segunda língua, o que lhe proporciona contato suficiente para aprendê-la, e psicologicamente aberto para a outra língua, absorvendo o insumo obtido em suas interações sociais. O segundo, além das características do primeiro, o aprendiz vê os falantes da língua alvo como um grupo de referência e, consciente ou inconscientemente, adota seus valores e estilo de vida. (SCHUMANN, 1978, p. 28 *apud* PAIVA, 2014, p. 54-55)

Hoje sinto identificação com a cultura e tenho conforto em me manifestar em minha L2. No cotidiano, a conversação em Libras passou a ser tão natural que recentemente eu estava em uma rua muito famosa na cidade de Curitiba e, quando fui abordada por um rapaz que eu não conhecia, iniciei a conversa com “oi em Libras”⁵.

⁵ Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/shorts/_CZ3QMoxROQ. Acesso em: 31 maio 2023.

Então ele me deu um toquinho na mão como forma de me cumprimentar e, como eu o aceitei, recebi um bombom, por isso agradei em Libras. Alguns dias depois, esse rapaz, que é influenciador digital, postou o vídeo no Instagram e viralizou devido à forma diferenciada de comunicação que adotei. Essa situação ilustra como o uso da Libras se faz tão presente em meu dia a dia que até mesmo com estranhos acabo, espontaneamente, me pronunciando nessa língua. Aliás, o uso da língua por ouvintes sem que haja a presença de um surdo no ambiente foi motivo de divisão de opiniões na rede social do referido *influencer*.

Por fim, sintetizando as seções 4.2 e 4.3, no QUADRO 1 estão elencadas as estratégias que adotei para superar as dificuldades linguísticas encontradas ao longo do percurso de aprendizagem de Libras.

QUADRO 1 – ESTRATÉGIAS ADOTADAS PARA APRENDER LIBRAS COMO L2

Estratégias de memória	a) Assistir a vídeos em Libras (sem legenda) produzidos por surdos. b) Observar atentamente a sinalização.
Estratégias cognitivas	a) Estudo de técnicas de tradução e interpretação Libras/português. b) Tradução de textos de português para Libras. c) Sinalização em frente ao espelho com fita na boca.
Estratégias de compensação	a) Uso de português sinalizado.
Estratégias metacognitivas	a) Adoção de um caderno de registro. b) Dedicção de horário para estudo individual. c) Submissão à banca de avaliação.
Estratégias afetivas	a) Exposição à convivência com surdos e à banca de avaliação, apesar dos sentimentos ruins que experimentava. b) Desenvolvimento de determinação e independência (autonomia nos estudos). c) Desejo de pertencer. d) Motivação.
Estratégias sociais	a) Atuação como voluntária na Associação de Surdos de Curitiba. b) Participação em espaços sociais informais frequentados por surdos. c) Interação nas aulas e antes delas. d) Comunicação por meio de aplicativo (grupo de WhatsApp e videochamada). e) Contato com pessoas ouvintes fluentes em Libras. f) Reconhecimento dos surdos como um grupo de referência — adoção de seus valores e estilo de vida.

FONTE: A autora (2023).

5 CONCLUSÃO

O processo relatado neste estudo autobiográfico demonstra que aprender uma língua é envolver-se com a cultura, os costumes e as lutas de um povo. O estudo do caso também demonstrou que, no decorrer do curso de graduação em Letras Libras, várias estratégias de aprendizagem foram utilizadas para que as principais dificuldades quanto aos aspectos linguísticos da Libras fossem superadas para obter a fluência. Isso foi possível também devido aos fatores sociais e afetivos, que potencializaram o processo.

A fluência é o objetivo de todo estudante de L2 e, no início, a vontade é tão grande que alguns chegam a se esquecer de que esse processo complexo demanda tempo; por isso, em seis meses não se consegue falar em Libras fluentemente. Por outro lado, passar anos estudando a língua, mas apenas poucas horas por semana, também não é o suficiente. Autonomia, curiosidade e estudo diário são elementos importantes se unidos aos conteúdos aprendidos em cursos de Libras. Refletindo atualmente sobre meu próprio processo de aprendizado, percebo a contribuição dessa estratégia.

O fator afetivo atuou de forma negativa, em alguns momentos do processo. Se o medo e a vergonha tivessem sido deixados de lado, muitos transtornos e mal-entendidos poderiam ter sido evitados, e provavelmente meu aprendizado teria sido acelerado. Além disso, apesar de eu sempre almejar pertencer à comunidade surda, percebo que a inserção social foi uma das últimas estratégias adotadas. Acredito que esses dois fatores — o afetivo e o social —, unidos ao conhecimento técnico oferecido pelo curso de Letras Libras, fizeram com que o processo de aprendizado ocorresse satisfatoriamente.

Dessa maneira, conclui-se que todas as estratégias são importantes e colaboram para o processo.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedito Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 31 maio 2023.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 31 maio 2023.

BOURDIEU, P. **Campo de poder, campo intelectual**. Buenos Aires: Folios, 1983.

COUTO, A. de A. Estratégias de aprendizagem de um estudante de língua estrangeira: algumas reflexões. **Paraguaçu**, Amargosa, v. 1, n. 1, p. 51-66, 2021. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/revistaparaguacu/article/view/1862>. Acesso em: 31 maio 2023.

FERREIRA, G. dos S. A (des)construção de crenças de uma professora de língua inglesa: um estudo de caso autobiográfico. **Littera**, São Luís, v. 5, n. 8, 2014. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/2663/2931>. Acesso em: 31 maio 2023.

GALA, A. S. Você sabe o que é ser CODA? **Handtalk**, 20 abr. 2022. Disponível em: <https://www.handtalk.me/br/blog/coda/#:~:text=O%20termo%2C%20origin%C3%A1rio%20do%20ingl%C3%AAs,m%C3%A3e%20surdos%2C%20ou%20at%C3%A9%20ambos>. Acesso em: 26 maio 2023.

HORSCHUTZ, R. W. Resposta a Clarice Lispector. *In*: SIMPÓSIO DO IJUSP – INSTITUTO JUNGUIANO DE SÃO PAULO, 2., 2010, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Casa das Rosas, 2010. Disponível em: http://www.psicologiasandplay.com.br/wp-content/uploads/2010/04/carta_a_clarice_linspector.pdf. Acesso em: 31 maio 2023.

KOGA, D. **Medidas de cidade**: entre territórios de vida e territórios vividos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LEITE, T. de A.; MCCLEARY, L. E. Pesquisa autobiográfica de aprendizagem da língua de sinais brasileira como segunda língua. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 8., 2000, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2000. Disponível em:

<https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/Portals/1/Files/19315.pdf>. Acesso em: 31 maio 2023.

PAIVA, V. L. M. de O. e. **Aquisição de segunda língua**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

QUADROS, R. M. **O tradutor intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC; SEESP, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf>. Acesso em: 13 maio 2023.

QUEVEDO-CAMARGO, G.; SILVA, M. S. da. As variáveis social e afetivo como potencializadoras da aquisição da segunda língua. **Revista Moara**, Belém, n. 54, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/8117>. Acesso em: 31 maio 2023.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SABINO, V. C.; CABELLO, J. O percurso formativo no ensino superior de um tradutor/intérprete de libras com deficiência: autobiografia como uma abordagem de investigação. **Perspectivas em Diálogo**, Naviraí, v. 9, n. 20, p. 322-338, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/15261/10844>. Acesso em: 31 maio 2023.

SANTOS, L. C. de O. Reflexões sobre o meu processo de aprendizagem da língua adicional no intercâmbio. **Práticas de Linguagem**, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, p. 203-217, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/praticasdelinguagem/article/view/28369>. Acesso em: 31 maio 2023.

SILVA, L. da. **Fluência de ouvintes sinalizantes de Libras como segunda língua: foco nos elementos da espacialização**. 2018. 271 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2018.

VILAÇA, M. L. C. Estratégia de aprendizagem de línguas: histórico, definições e classificações. In: CONGRESSO DE LETRAS DA UERJ – SÃO GONÇALO, 2., 2005, São Gonçalo. **Anais...** São Gonçalo: UFF; FEUDUC, 2005. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/ii/completos/mesas/4/marcioluzcorreavilaca.pdf>. Acesso em: 31 maio 2023.

WEBER, M. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: Ed. UnB, 1991.